

FERDINAND BUISSON (1841-1932)

Educador e pacifista. As influências libertárias de James Guillaume e Paul Robin¹

Martine Brunet

Tradução: Maria Helena Camara Bastos

Resumo

Ferdinand Buisson foi uma grande figura da Terceira República. Alto funcionário da Instrução Pública, professor de pedagogia na Sorbonne, deputado do partido radical e radical-socialista, recebeu o Prêmio Nobel da Paz em 1927. Suas atividades foram numerosas e imensas, tanto no âmbito religioso como político e pedagógico; ao longo de sua vida, esses três campos estiveram interpenetrados. Muito cedo ingressou na vida pública, e notabilizou-se pela tomada de posições radicais contra a guerra, participando dos primeiros congressos da Liga da Paz e da Liberdade, na Suíça. Desde a queda do Império, participou da vida política da municipalidade do XVII^o arrondissement de Paris, que tinha como adjunto do prefeito o anarquista Benoît Malon. Buisson entrou na Guarda Nacional, participou ativamente das iniciativas políticas e sociais da municipalidade. Foi co-fundador do jornal anarquista *A República dos Trabalhadores*, com Aristide Rey, os irmãos e Benoît Malon. Foi durante a guerra e o sítio em Paris que fundou um orfanato. Esse estabelecimento laico recebia subsídios da Internacional e ministrava uma *educação integral*, resultante das idéias anarquistas de Paul Robin. Após a derrota da Comuna, o orfanato foi transferido para Cempuis, na região do Oise. Em 1879, Ferdinand Buisson foi nomeado diretor do ensino primário, chamou a Paul Robin para dirigir o orfanato segundo os métodos da educação libertária. O estabelecimento e seu diretor são violentamente atacados pelos reacionários católicos. A experiência inovadora de Cempuis terminou em 1894.

Palavras-chaves: Educação integral, liberdade, pacifismo.

Resume

Ferdinand Buisson est une grande figure de la Troisième République. Haut fonctionnaire de l'Instruction publique, professeur de pédagogie à la Sorbonne, député du parti radical et radical-socialiste, il reçut en 1927 le prix Nobel de la Paix. Ses activités furent nombreuses et immenses, à la fois dans le domaine religieux, politique et pédagogique ; ces trois domaines se sont interpénétrés tout au long de sa vie. Très tôt il entre dans la vie publique et il se fait remarquer par des prises de positions radicales contre la guerre en participant aux premiers congrès de la Ligue de la Paix et de la Liberté en Suisse. Dès la chute de l'Empire, il participe à la vie politique du 17^e arrondissement de Paris, dont l'adjoint au maire est l'anarchiste Benoît Malon. Il s'engage dans la Garde Nationale, il participe activement aux initiatives politiques et sociales de la municipalité, il est cofondateur d'un journal anarchiste *La République des Travailleurs* avec Aristide Rey, les frères Reclus et Benoît Malon. C'est dans la tourmente de la guerre, d'un Siège de Paris qu'il crée un orphelinat. Cet établissement laïque reçoit des subsides de l'Internationale et donne une *éducation intégrale* issue des idées de l'anarchiste

¹ Título original "Ferdinand Buisson (1841-1932) éducateur et pacifiste. Les influences libertaires de James Guillaume et Paul Robin", enviado especialmente para publicação na revista.

Paul Robin. Après la défaite de la Commune, l'orphelinat est transféré à Cempuis dans l'Oise. En 1879, Ferdinand Buisson nommé Directeur de l'enseignement primaire fait appel à Paul Robin pour diriger l'orphelinat selon ses méthodes libertaires. L'établissement et son directeur sont pris violemment à partis par les catholiques réactionnaires. L'expérience de Cempuis est finie en 1894.

Mots clés : éducation libertaire, liberté, Internationale

Praticamente desconhecido do grande público, ignorado pelos professores de hoje², esquecido pelos historiadores durante muito tempo, Ferdinand Buisson foi, no entanto, em sua vida adulado por um grande número de pessoas e logo após sua morte objeto de numerosas homenagens hagiográficas.

A guerra sem dúvida favoreceu o esquecimento. O centenário de seu nascimento teve lugar em 1941. As comemorações ajudam às vezes a lutar contra o esquecimento, não é o caso da de 1982, pelo aniversário de cinqüenta anos de sua morte, a qual passou desapercibida. Ferdinand Buisson não estava mais na moda, não correspondia mais à época. Somente a revista *Société Binet-Simon* prestou-lhe uma homenagem³.

Ferdinand Buisson só foi lembrado pelos historiadores recentemente. Foi preciso o colóquio de 1973, sobre "Os protestantes no início da Terceira República", para ver seu nome aparecer, especialmente no artigo de Alice Gérard. Em 1984⁴, Pierre Nora fica surpreso pois não existe nenhum artigo a ele consagrado⁵. Quando citado, é sempre de passagem, em livros sobre a IIIª República, associado a nomes mais conhecidos como Jules Ferry, ou Léon Bourgeois, ou ainda confundido com suas funções. Em 1980, um estudo sobre a fé laica de Ferdinand Buisson é feito por Jean-Marie Mayer. Nos anos 90, o interesse ressurge e cinco teses são lhe única ou parcialmente consagradas⁶.

Estabelecer atualmente a biografia desse homem ilustre, é um desafio. Ferdinand Buisson encontra-se em uma encruzilhada entre o religioso, o político e a pedagogia. Não somente suas atividades foram numerosas e imensas, mas continuou em atividade até o fim de sua longa vida. Foi preciso esperar várias teses antes de se poder entender completamente o homem público. No que diz respeito a sua vida privada, as fontes não fornecem de elementos. Impõe-se dizer que Ferdinand Buisson ao recusar os pedidos para que escrevesse suas memórias, não simplificou a tarefa de seus futuros biógrafos.

² Salvo daqueles em que a escola tem seu nome.

³ « Hommage à Ferdinand Buisson », in *Société Binet-Simon*, n°588, pp ; 195-230.

⁴ « Le Dictionnaire de pédagogie de Ferdinand Buisson », in *Les lieux de mémoire*, tome I La République, p. 361.

⁵ De fato sim, mas o autor, G. W. Chase, é canadense de língua inglesa, cuja tese não foi defendida em história mas em ciências da educação.

⁶ Jean-Paul Martin, *La Ligue de l'enseignement de l'origine à 1914*, Thèse d'histoire, IEP Paris, 1992 ;

Patrick Dubois, *Le Dictionnaire de pédagogie*, Thèse de sciences de l'éducation, Lyon II, 1994.

Mireille Guessaz, *L'image énigmatique de Ferdinand Buisson, la vocation républicaine d'un saint puritain*, thèse d'histoire, Paris VII, 1998.

Laurence Hoeffel, *Le fondement de la morale laïque, de 1871 à 1914*, thèse de sciences de l'éducation, Paris V, 1998.

Patrick Cabanel, *Les protestants, la laïcité, la République de 1860 à 1910*, thèse d'histoire, Paris IV, 1998.

Um aspecto importante de sua vida ainda não foi objeto de estudo, isto é, suas posições e seus engajamentos pedagógicos. Não a pedagogia no sentido restrito do termo, que enfatiza as ciências da educação, sobre o conjunto dos métodos de aprendizagem, mas no sentido de educação do século XIX⁷. Patrick Cabanel intitula a primeira parte de sua tese "De la théologie et de l'histoire à la politique et à la pédagogie", em que afirma que os protestantes, que achavam-se preocupados pelo futuro da república, tornaram-se praticamente todos pedagogos no sentido educador do termo. A conversão à pedagogia de Buisson só é compreendida como meio de educação dos espíritos. Todas as personalidades que o conheceram o viram primeiramente e sobretudo como um educador. Ele o foi no momento em que o engajamento pedagógico não estava separado de um engajamento filosófico e político. A preocupação educativa estava no centro de todos os seus combates. Sua fé, na capacidade de regenerar o homem pela educação, não foi jamais desmentida. Aspirou educar as crianças e os homens, durante toda sua existência, pois acreditava que "pela instrução pode-se reformar a nação no cidadão, e o cidadão na criança". Seu último objetivo era não apenas fazer deles republicanos mas também pacifistas. O artigo que redigiu no jornal, *Les États-Unis d'Europe*, em abril de 1868, concentra em uma frase lapidar toda sua esperança, a saber, "a abolição da guerra pela instrução".

Será que para estudar Ferdinand Buisson educador deveremos restringir-nos ao período em que foi funcionário da instrução pública, durante 30 anos, de 1872 à 1902? Certamente, esses trinta anos foram muitos ricos, bastariam suficientemente a uma tese. Mas eles só abarcariam parcialmente o conjunto de suas atividades como educador. Ele entrou concretamente na pedagogia com 24 anos, quando ensinava no Instituto Duplessis-Mormay⁸, em Paris, e de maneira espetacular na conferência que proferiu em 5 de dezembro de 1868, em Neuchâtel, sobre "Une réforme urgente dans l'instruction primaire". Até o seu último suspiro, jamais parou. Em 1927, publica pela Hachette as "*Leçons de morale à l'usage de l'enseignement primaire*", e sua última obra, publicada em 1929 por Félix Alcan, é consagrada a Condorcet. Interessar-se por Ferdinand Buisson "pedagogo" ou "educador" é abarcar toda sua vida desde 1864.

Estudar a "fé pedagógica, educadora"⁹ de Ferdinand Buisson leva necessariamente a orientar a pesquisa em muitas direções. Durante toda a sua vida simultaneamente foi militante, homem de fé e fundador.

⁷ No Dictionnaire d'Alain Rey, a palavra era apreciada, valorizada, enquanto que hoje o termo é percebido pejorativamente, pois se confunde com « pédaço », « pédagogisme ».

⁸ Dirigido, em 1865, por Mathieu-Jules Gaufrès.

⁹ Perdoar-me-ão esta alusão rápida ao título de um artigo de Jean-Marie Mayeur, « La foi laïque de Ferdinand Buisson ».

Um militante no sentido lato do termo, isto é, um combatente ativo – inúmeras conferências, escritos em jornais e revistas; os estímulos que deu como alto funcionário da instrução pública; os combates como deputado do partido radical-socialista ou militante do pacifismo. Está presente em múltiplas “associações”; lugar de destaque na múltiplas associações; liderança em todos combates progressistas.

Um homem de fé, de convicção religiosa profunda. Tentou criar uma nova religião toda ela de interioridade, cuja natureza complexa foi pouco entendida pelos seus contemporâneos. Acreditava em uma escola laica, desligada da igreja dogmática, mas não de uma fé religiosa, capaz de criar os futuros republicanos, democratas e pacifistas; homens livres desprovidos de todo dogmatismo seja religioso ou político.

Um fundador que, como alto funcionário, é o inspirador principal das grandes reformas escolares que fundaram a escola da Terceira República; do Dicionário de Pedagogia¹⁰; de numerosas revistas. Presidiu grandes organizações como a Liga dos Direitos do Homem e a Liga do Ensino.

Essas atividades excessivas e respeitadas fizeram de Ferdinand Buisson uma espécie de consciência moral da República radical¹¹. Escreveu poucos livros, mas o número de seus escritos é imenso. Ele fez com que sua voz, fosse ouvida através de suas múltiplas conferências e de sua pena, por seus inúmeros artigos nos jornais e nas revistas, ao serviço de todas as causas que considerava justas, em todas as circunstâncias, tanto na França como no estrangeiro. Foi infatigável defensor: apóstolo de uma educação popular com aspirações ambiciosas.

Entre o artigo de 1868, no jornal *Les États-Unis d'Europe*, e a obtenção do prêmio Nobel da Paz, em 1927, 59 anos de combate pelo mesmo ideal: a paz pela instrução. Conferindo esse prêmio a Ferdinand Buisson, não poderiam melhor reconhecer todos os esforços de sua vida. O militante da escola e o militante do pacifismo são indissociáveis.

Para tentar compreender seus engajamentos, suas ações e suas amizades, é preciso partir de sua personalidade. O que surpreende na maioria de seus escritos, é o seu horror quase visceral de tudo que pudesse aparentar, de perto ou de longe, dogmatismo, autoridade, intolerância. Seu apego à liberdade não é somente no domínio da razão, é sobretudo orgânico e emana de sua natureza que é profundamente libertária. Esse amor à liberdade exprime-se pela extrema tolerância que tem pelos homens e pelas idéias.

¹⁰ Nota do tradutor: Sobre o Dicionário, ver DUBOIS, Patrick. “O Dictionnaire de pédagogie et d’instruction primaire de F. Buisson (1878-1887 e 1911). Bíblia da escola republicana”. História da educação. ASPHE/UFPEL. Pelotas, v.5, n.9, pp.59-76, abr.2001.

¹¹ Segundo Jean-Paul Martin.

Até agora somente a dimensão religiosa da personalidade de Buisson foi ressaltada. Todos os pesquisadores, sejam eles historiadores ou das ciências da educação, focalizaram esse aspecto. Patrick Dubois escreveu: “É na filosofia religiosa que é preciso procurar a fonte de suas convicções pedagógicas e educativas”. Ferdinand Buisson recebeu uma educação protestante; suas primeiras ações foram no campo da religião; constituiu com seus amigos Félix Pécaut e Jules Steeg, ambos velhos pastores, um triunvirato que encontramos à direção do ensino primário, mas esta influência religiosa não é única.

Nossa intenção não é nem de minimizar a importância da religião protestante em Buisson, nem de minimizar a amizade entre ele, Pécaut e Steeg. Trata-se aqui de destacar um outro trio, formado por Buisson, James Guillaume e Paul Robin, cuja ligação reside em suas convicções de que uma educação libertária é a mais apropriada ao respeito e ao desenvolvimento da criança.

James Guillaume é um anarquista de origem protestante, ao passo que Paul Robin é um anarquista de origem católica. Mas, contrariamente à Buisson, eles romperam com a religião e tornaram-se ateus. Os dois desempenharam um papel importante junto à Primeira Internacional e eram próximos de Michel Bakounine. Ambos deixaram essa organização e foram chamados por Buisson em Paris: Guillaume, para o Dicionário de Pedagogia, em 1878, e Robin para inspetor primário em Blois, em 1879, para depois colocá-lo à testa do orfanato de Cempuis em 1880.

Trazer à luz as influências libertárias que Ferdinand Buisson encontrou teorizadas por Michel Bakounine¹², Paul Robin¹³ e James Guillaume¹⁴, cujos métodos quis aplicar os desde 1871 e aos quais jamais renunciou. Essas concepções inovadoras e modernas estavam a serviço de uma educação popular. Paul Robin foi o primeiro a tratá-las em seus mínimos detalhes. Elaborou o que devia ser o ensino para mulheres e para homens antiautoritários, presos ao sentimento da liberdade e da igualdade. O ensino será universal, racional e integral (isto é, físico, intelectual, profissional e moral). Paul Robin refere-se às concepções de Herbert Spencer, que, em 1816, desenvolveu a idéia de aproximação científica do saber nas crianças. De formação científica, refere-se mais ainda ao positivismo de Auguste Comte. Os seus primeiros textos são publicados na *Revue de philosophie positive*, onde foram lidos por Ferdinand Buisson. Dar à criança uma educação racionalista, para que só possa crer naquilo que puder demonstrar, a fim de se libertar de todas as tendências supersticiosas

¹² « L'instruction intégrale », in *L'Egalité*, 24 juillet 1869.

¹³ Três artigos publicados na *Revue de philosophie positive*, em setembro 1869, em julho-agosto 1870 e em 1872.

¹⁴ *Idées sur l'organisation sociale*, Chauds-de-Fonds, 1876.

e irracionais. Seu desejo é de poder inculcar na criança o método experimental, de lhe dar confiança e de vê-la como autora de sua própria aprendizagem. Paul Robin é um dos pioneiros dos métodos pedagógicos ativos, preconiza, principalmente, a co-educação dos sexos e a educação à liberdade pela liberdade.

Sejado solidarismo de Léon Bourgeois, da sociologia de Durkheim ou do socialismo de Jaurès, Ferdinand Buisson sempre temem as conseqüências de doutrinas, que por enfatizarem a dimensão social e coletiva da educação, podiam ser uma ameaça para a liberdade individual. Ele sempre pensou que somente a liberdade do indivíduo constituía o ponto de partida e o fim do processo educativo, esse sendo considerado indispensável como movimento de transformação de si mesmo. Os libertários não pensavam diferente. Quanto ao pacifismo, ele é consubstancial às idéias libertárias.

No primeiro “press-book”¹⁵, encontrado na biblioteca do INRP¹⁶, encontra-se um texto datilografado intitulado: “A abolição da guerra pela instrução”, que foi publicado no *Journal des États-Unis d'Europe*, datado de 19 de abril de 1868, mas é desconhecido¹⁷. O discurso de Ferdinand Buisson em Lausanne, em 1869, é conhecido pela famosa frase: “*Eu gostaria de um Voltaire ocupado durante cinquenta anos a tornar ridículos reis, guerras e exércitos*”. Esses dois textos foram escritos para a Liga da Paz e da Liberdade, com um ano de intervalo, durante o período em trabalhava em Neuchâtel, na Suíça. Esses anos foram, para ele, anos de formação e de afirmação de suas idéias: quando profere sua retumbante conferência “*Uma reforma urgente na instrução primária*” e publica o *Manifesto do cristianismo liberal*.

A guerra austro-prussiana de 1866, com a derrota da Áustria em Sadowa, ocasionou uma ruptura do equilíbrio europeu. Na primavera de 1867, as ações de Napoleão III, com intenção de anexar Luxembourg à França, provocaram um violento protesto prussiano. A tensão internacional estava no extremo e a guerra parecia inevitável. Diante dessa ameaça, um grande movimento de opinião pacifista manifestou-se em diversos países. Em 5 de maio de 1867, “*o mais avançado dos jornais democráticos franceses*”, o “*Phare de la Loire*”¹⁸, publicou um artigo, assinado pelo gerente E. Mangin, no qual exprimiu formalmente o desejo da reunião do congresso da paz. O autor lembrou que um congresso, ocorreu em Paris em

¹⁵ « Recueils factices » de textos impressos e de manuscritos constituídos e depositados por Ferdinand Buisson no Musée pédagogique.

¹⁶ Institut National de Recherches Pédagogiques, que sucede o Musée pédagogique.

¹⁷ Esse texto está salpicado de reticências, significando que ele foi cortado. Procurei o texto integral na Bibliothèque Publique et Universitaire de Genève.

¹⁸ *Annales du congrès de Genève (9-12 septembre 1867, Genève, 1868.*

1849, e um segundo em Frankfurt, em 1850, e perguntava se um terceiro não poderia ser organizado em uma cidade da Suíça. Republicanos parisienses retomaram essa idéia e redigiram um manifesto, publicado em 4 de julho nos jornais, primeiro em Paris, depois pela França, Suíça, Itália, Alemanha e Bélgica. Entre os primeiros signatários, destacam-se Albert Blanc (operário), Louis Blanc, Victor Hugo, Edgar Quinet, Versigny, Carnot, Jules Fabre, Jules Simon, Pelletan, Clamagérans, Brisson, François Favre, J. Kergomard, Ch. Lemonnier, Mangin, Elie Reclus, Elisée Reclus, Jules Vallès, Jules Barni, Littré, etc... Esse manifesto terminava anunciando que um congresso ocorreria em Genebra, em 5 de setembro de 1868. O primeiro ato dos seus promotores desse congresso foi oferecer à Garibaldi a presidência de honra. Escolhe-lo significava uma manifestação radical, que rompia com os congressos de paz precedentes. Desejavam igualmente fazer desse evento a representação exata de toda a democracia européia, abrindo seu congresso à Associação Internacional de Trabalhadores. A abertura foi adiada do dia 5 para o dia 9 de setembro de 1867, pois a AIT tinha o seu congresso de 2 a 7 em Genebra. Entre os delegados oficiais da Internacional encontra-se James Guillaume pela Suíça e Benoît Malon pela França, entre os representantes da imigração russa, Michel Bakounine (que criou, em 1864, a Aliança da Democracia Social a qual aderiram os irmãos Reclus em 1865), Elisée Reclus representando a cooperação e o crédito ao trabalho. Sobre as 10.666 adesões, 5.915 pessoas vieram assistir ao congresso (número de ingressos de membros vendidos), entre as maiores representações, conta-se: 2.713 suíços, 1.609 alemães, 1.006 franceses.

Nos arquivos privados de M. Hesse¹⁹, não se encontra a carteira de membro de Ferdinand Buisson, para os três congressos²⁰, mas isso não prova nada. Parece difícil crer que ele não os assistiu, visto que Edgar Quinet era o vice-presidente do primeiro. É certo que ele não pronunciou nenhum discurso como algumas notícias biográficas do dicionário parecem sugerir. Talvez tenha o assistido, mas não participou nem do congresso de Genebra, nem de Berna.

Esse congresso era diferente de todos os congressos da Paz que ocorreram até então, *“Será a honra do recente Congresso de Genebra, algum valor que se atribui de mais a mais à essas tempestuosas assembléias, de nitidamente colocar a questão de outra maneira (...) A guerra é o produto de todo um estado social, intelectual e moral”*, dirá Ferdinand Buisson em 1868. Era a primeira vez que se preocupavam com as condições políticas e econômicas sem as quais todas as reformas para estabelecer a paz serão em vão. Seu caráter evidentemente político distinguia-se das outras

¹⁹ Bisneto de Ferdinand Buisson

²⁰ Genebra, Berna, Lausane.

associações análogas que pregavam o pacifismo em nome do cristianismo ou de doutrinas humanitárias. Enfim, esse comitê deveria fazer obra prática lançando as primeiras bases de uma associação permanente: a Liga da Paz e da Liberdade. Muito rapidamente dissensões profundas vão eclodir entre os liberais, radicais, socialistas, deístas, ateus e cristãos.

Entretanto, antes de se separarem, os membros do Congresso nomearam um bureau internacional sob a direção de Garibaldi, como presidente de honra, Jolissaint, como presidente, Jules Barni, como vice-presidente, um comitê diretor com Edgar Quinet, como um dos três vice-presidentes franceses, e Bakounine, como um dos dois vice-presidentes russos. Seu trabalho consistiu em criar um jornal semanal - *Les États-Unis d'Europe* -, órgão oficial da Liga e publicar os Anais do Congresso de Genebra. Igualmente, organizou o segundo congresso que deveria ter lugar em Berna, em setembro de 1868, cujo programa propunha os seguintes temas: a abolição das armas permanentes e prelúdio para um desarmamento geral, a “questão social”, a separação da Igreja e do Estado, e enfim as aplicações do princípio federativo. Esse programa estava diretamente inspirado pelos socialistas, com Bakounine na direção, que constituía uma minoria, mas enérgica e ativa. Bakounine se dá como tarefa provocar uma aproximação entre os membros os mais avançados da burguesia e os representantes dos trabalhadores. Ferdinand Buisson teria reencontrado Bakounine quando redigiu seu artigo para o jornal *Les États-Unis d'Europe* em 1868? Bakounine solicita ao comitê que convide a Internacional para enviar os delegados oficiais ao Congresso de Berna. A AIT respondeu que em presença de sua obra, a Liga não tinha razão de ser e convidava seus membros “a se fazerem admitir nas seções da Associação e assim juntar-se a ela”²¹. Essa resposta provocou críticas junto à Internacional. Os franceses pensavam que deviam apoiar toda ação política cujo objetivo aproximava-se do seu. O Congresso realizado em Berna, de 22 a 26 de setembro de 1868, não foi tão espetacular como o primeiro e reuniu somente uma centena de membros (a presença de Ferdinand Buisson não é atestada): 75 democratas e 25 socialistas. De fato, para garantir o bom desenvolvimento do congresso e evitar as dissensões, somente foram admitidos como membros, as pessoas de acordo com os princípios da Liga e do programa proposto. Foi durante esse Congresso, que Elisée Reclus fez o primeiro discurso, aderindo publicamente ao princípio do anarquismo, não explicitamente mencionado, mas sem a menor ambigüidade, apresentando um programa de mudança integral da sociedade atual, “desde já deixo de descrever o mundo ocupando-me em mudá-lo”²². As divergências entre os radicais e os

²¹ Marc de Préaudeau, « La ligue de la paix et de la liberté », in *Revue des sciences politiques*, XXVIII, 1912.

²² Correspondance d'Elisée Reclus, tome I, p. 257.

socialistas vão conduzir à cisão e dezoito socialistas, entre os quais Bakounine, Elisée Reclus e Aristide Rey, enviam sua demissão à Liga. A partida deles marca para a Liga uma segunda etapa em direção à homogeneidade. A Liga livrou-se assim, para usar uma expressão política, de “sua ala direita” com os elementos os mais conservadores dos democratas quando do Congresso de Genebra, e de “sua ala esquerda” com os socialistas quando do Congresso de Berna. Beneficiando de uma maior coesão, podia o terceiro congresso em Lausane, na terça-feira 4 de setembro de 1869, por cinco dias.

Porém, em 19 e 26 de abril de 1868, aparece no jornal *Les Etats-Unis d'Europe* um artigo dividido em duas partes, assinado por Ferdinand Buisson. Sem as folhas datilografadas descobertas no primeiro “press-book”, esse artigo seria desconhecido. O título “A abolição da guerra pela instrução” é um resumo do seu pensamento e da sua ação. Desde a justa análise de Goyau²³, admite-se considerar a unidade de pensamento de Buisson durante toda a sua vida: seus combates pela instrução e pelo pacifismo, os quais foram recompensados pela obtenção do prêmio Nobel da Paz em 1927. A partir de 1868, com 27 anos, Ferdinand Buisson escreve um artigo no qual todos os temas de seus combates já estavam reunidos.

De imediato, por uma frase lapidar, ele expõe os objetivos de seu artigo: “*falar é bom, agir é melhor*”. Não se trata de apresentar teorias abstratas sobre os méritos da paz, mas de propor meios de ação para tentar estabelecê-la. Ferdinand Buisson fez se conhecer pelo discurso, mas também é, e talvez primordialmente, um homem de ação. Ele considera a reflexão como antecessora da ação. De fato, ele deseja ardentemente em agir, passar à ação.

Ferdinand Buisson rejeita categoricamente todos os projetos políticos que só vêem solução através dos príncipes. A paz não pode vir da cúpula da sociedade, mas “*é à iniciativa popular, à resistência do espírito público, ao progresso das idéias, que é preciso solicitá-la*”. Para ele, “*a grande alavanca, a grande força a ser colocada em movimento, é a instrução. Pela instrução, podemos reformar a nação no cidadão e o cidadão na criança; e é necessário remontar se quisermos atingir o mal na sua raiz*”. Está persuadido, como todos os revolucionários, desde Le Peletier, que é através da criança que um novo povo poderá ser criado. A criança é também um ser maleável por excelência. Mas, graças à instrução que recebeu na escola, ela terá a liberdade de recusar “*prover a vida pelo canhão*”. A instrução é a “*grande alavanca*”, “*grande força*”. Graças à instrução, os espíritos podem mudar, um progresso é possível. É da ordem “*de uma conversão do mundo, que só podemos comparar em importância*

²³ Georges Goyau, *L'école aujourd'hui*, I, p. 67- et 92-93.

com a do cristianismo nascente”, nada menos que isso! Mas, para concretizar essa imensa tarefa, é preciso homens devotados. Michel Bréal dirá a mesma coisa em 1872: “o que faltou à lei de 1833 para transformar a França? Nada mais que o concurso das classes instruídas. Uma lei mesmo obrigatória, não é suficiente”²⁴. Discernimos, no artigo de 19 de abril, as origens protestantes de Ferdinand Buisson, com a sua crença na força da instrução, mas revisitada por sua vez de espírito revolucionário.

A análise política prevalece no artigo de 26 de abril. Ferdinand Buisson parte de uma constatação: “hoje, há duas humanidades”. Certamente, não fala de classes, mas de “proletários sem pão, sem trabalho, sem educação” que estagnam “na repugnância da miséria”. Se a antiga ordem social subsiste, “é graças à ignorância”. Segundo numerosos revolucionários da época, há um desequilíbrio entre os indivíduos. Uma minoria de homens dispõe de tempo suficiente para aperfeiçoar-se intelectualmente, ao passo que a maioria está condenada à ignorância. Isso constitui uma grande injustiça. Bakounine publica no “Le Socialisme Libéraire”, de 24 de abril de 1869, dois artigos intitulados “Os Trapaceiros” e “A Instrução Integral”, nos quais afirma que a sociedade não poderá ser partilhada entre os que não sabem e trabalham e os que sabem e que comandam. Bakounine faz um paralelo entre saber e poder, mas para ele, o povo deve, em primeiro lugar, emancipar-se e, em seguida, instruir-se. Os termos empregados por Buisson vão de encontro com os dos socialistas. Mas, contrariamente aos socialistas revolucionários, ele não pensa que a revolução seja anterior à instrução. Posiciona-se entre “os socialistas burgueses”²⁵, para quem a instrução será uma emancipação. Seu objetivo em instruir o povo “é criar republicanos”, por isso está pronto “a tudo arriscar”. É preciso crer nessa afirmação, pois se mostrará capaz dois anos mais tarde.

Os três temas, estreitamente ligados em Ferdinand Buisson, religião, pedagogia e política, que percorrem toda sua vida, já estão presentes nesses dois artigos. Ele quer, ao mesmo tempo, “a moralização e a emancipação espiritual das massas deserdadas” e “transformar em cidadãos dignos desse belo nome as inúmeras vítimas da miséria, da ignorância, da superstição ... para elevá-las ao nível de homem livre”. O político e o pedagógico parecem, contudo, dominar o religioso, pois ele termina seu artigo dizendo “o advento da liberdade, da justiça e da paz far-se-á não pela graça de Deus, mas pela vontade dos homens”. Podemos nos perguntar, se seu interesse pelo povo provém do protestantismo ou se já é

²⁴ Michel Bréal, *Quelques mots de l'instruction publique en France*, Hachette, 1872, p. 148

²⁵ Termo empregado por Michel Bakounine em «Les Endormeurs», no *L'Égalité* du 26 juin 1869.

socialismo. Desde 1868, Buisson está bem engajado intelectualmente na “pedagogia” e na política, que para ele era a mesma coisa.

Pouco faltou para que o Congresso de Berna fosse o último. O Comitê Central, que tinha como tarefa principal a preparação da próxima reunião da Liga, cumpriu muito mal sua missão, e foi o Comitê de Genebra que teve que se encarregar do terceiro congresso. O Congresso de Lausanne, em 11 de julho, elegerá um novo comitê central tendo como presidente Jules Barni. Ele propõe o seguinte programa de discussões: determinar as bases de uma organização federal para a Europa, os problemas da questão do oriente e da questão polonesa em relação aos princípios da Liga, que meios para fazer desaparecer todos os antagonismos econômicos e sociais entre os cidadãos e, enfim, a revisão da organização da Liga e a reorganização de seu jornal. O comitê decidiu dar a presidência de honra a Victor Hugo, que aceitou oficialmente por carta de 5 de setembro de 1869. Somente 658 adesões foram vendidos, entre elas uma a Ferdinand Buisson²⁶ (mas que não consta dos arquivos de M. Hesse), Edgar Quinet e sua esposa. A presença de Victor Hugo atraiu muitas pessoas e 1010 visitantes compareceram.

Em que condições Ferdinand Buisson participou desse congresso? Segundo uma carta²⁷ que dirigiu à E. Talichet, diretor da Biblioteca Universal, datada de 12 de novembro, de Neuchâtel, mas sem indicação do ano, escreveu em um post-scriptum: *Eu só passei um dia em Lausanne, no momento do Congresso. Voltava de Florença. Entre dois trens, foi preciso dizer uma palavra. Lamentei não poder apertar sua mão*. A frase “Entre dois trens, foi preciso dizer uma palavra” dá perplexidade, por sua desenvoltura. É verdade que ele se encontrava na Itália no começo de setembro²⁸. Ao contrário, quando escreve: “*Eu só passei um dia em Lausanne*”, é estranho. De fato, no seu texto de 1869, começa por “*Ontem e hoje passamos muitas horas não no século XIX, mas no século XX*”. O nós inclui Ferdinand Buisson e “*ontem e hoje*” permite supor que ficou, pelo menos, dois dias em Lausanne. Ora, em uma nota não datada, que descobrimos no dossiê relativo ao caso Robin²⁹, Buisson escreve quatro páginas sobre os Congressos da Paz e da Liberdade – Genebra, 1868; Lausanne, 1869³⁰ –, onde conta “*É nesse último congresso, de volta de uma caminhada na montanha e passando por Lausanne, parei um dia, obrigado*

²⁶ Philippe de Vargas, *Le congrès de la paix et de la liberté à Lausanne en 1869*, faculté de lettres de Lausanne, 1961.

²⁷ Referência : BCU, Mss, Inv.Somm.196.

²⁸ « Escreve à Steeg, no dia 1 setembro de 1869, de Veneza », Patrick Cabanel, *Protestantisme, République et laïcité en France (1860-1910)*, p. 71.

²⁹ AN F/17/14313

³⁰ Ele engana-se sobre as datas: Genebra é em 1867. Ele não cita o de Berna, isso prova que ele não participou?

que estava de comparecer no dia seguinte a minha aula em Neuchâtel". Essa informação corrobora bem a nota pós-scriptum. Ferdinand Buisson ficou só um dia em Lausanne, o "ontem e o hoje, nós", se torna um efeito de estilo. Ora, desde 22 de agosto, o Comitê Central procedeu aos seus convites oficiais. Buisson conhecia obrigatoriamente o dia exato de sua passagem na tribuna. Por que essa tal desenvoltura? Isso não parece corresponder à sua personalidade?

Ferdinand Buisson começa, seu discurso, por "Eu não sou daqueles que crêem que pensar no futuro, é se entregar a uma utopia". Na linguagem corrente, utopia significava impossível, quimera, realização fora de nossa alçada. Para ele, "pensar o futuro" é construir, de outra maneira, as formas de organização política e social para terminar com os vícios, as guerras e as misérias. Pensar o futuro é agir para que o sonho se torne realidade. É a atitude dos revolucionários e dos socialistas. Em seu discurso, emprega as palavras e expressões "propagar", "propaganda popular", "penetrar o espírito público", "repetir infatigavelmente", "grande pressão sobre a opinião pública", "combater e extirpar", "formar a opinião pública", que estão mais ligadas à cultura revolucionária e que revelam sua vontade e sua capacidade de infatigável propagandista. Chega a dizer "Não tememos, quando necessário sair da legalidade atual". Mesmo sendo um vocabulário revolucionário, está impregnado de referências religiosas: "há uma força incompreensível, é a consciência humana", "organizemos a insurreição com as forças morais, e com as forças da consciência". Falando dessa "nobre juventude refratária pela consciência", remete a sua própria história e sua recusa de prestar juramento ao Império, reforçando a idéia de que 'cabe a nós apoiar com nossa consciência e de chegar a esse ponto em que a convicção é muito forte para dizermos: eu não me submeterei, eu não pude me submeter". Todo o caráter, toda a força moral de Buisson manifesta-se nessa frase "transigimos com opiniões, mas não com convicções", que acentua mais adiante: "por uma simples opinião fazemos sacrifícios, por uma convicção nos sacrificamos". Essas palavras não são meros efeitos de estilo, ele provará isso várias vezes.

Quanto ao famoso trecho que termina por é preciso "habituar as crianças a se dizerem: um uniforme é uma marca, e toda marca é ignominiosa, como o padre e o soldado, como o magistrado e o lacaios³¹", Ferdinand Buisson a negou (porque evoluiu ou porque ela o atrapalhou em sua carreira), em 1894. Ele fala mesmo de frase absurda e de todo ponto de vista indesculpável³². A publicação desse discurso será descoberta e

³¹ Nos Estados Unidos, as municipalidades das grandes cidades tiveram muita dificuldade em fazer seus agentes de polícia usarem uniformes. Esses consideram o uniforme como uma marca e não desejam parecer lacaios.

³² AN F/17/14313.

assinhalada várias vezes “para minha infelicidade”. Lembra todas: “Em 1872, quando do ataque de Dupanloup; depois em 1873, quando enviado à exposição de Viena; em 1878, na minha nomeação para Diretor; em 1878, essa frase foi relatada em todos os jornais adversários”. Enfim, em 24 de junho de 1880, o duque de Audiffret-Pasquier a citou na tribuna do Senado em um grande discurso contra Jules Ferry, para colocar em dificuldade Buisson e seu protetor Ferry, esse saiu-se bem apresentando esse “sofismo de juventude” como excesso de indignação dos jovens republicanos contra o Império. Na nota encontrada no caso Robin, Buisson escreve: “eu fiz uma improvisação que não me deu trabalho de reler. Ela foi copiada desordenadamente e impressa da mesma maneira, só me interei disso depois. Isso unicamente para a frase em questão, que mesmo naquela época, certamente jamais escrevi nem assinei tal como apareceu. Quanto ao resto, isto é, o conjunto do discurso, era um desenvolvimento da tese antimilitarista”. Destacam-se diversas contradições nessa nota. Pode-se improvisar um discurso de sete páginas? Pode-se reler o que foi improvisado? O discurso de Buisson termina por aplausos prolongados e o Congresso decide dele tirar cem mil exemplares. Então, estava ciente de que seu discurso seria publicado e deveria agir em consequência. Se não o fez, é que, talvez inconscientemente, desejava que fosse impresso tal qual? Buisson corroborou esse “sofisma de juventude”, escrevendo: “Jovem, partilhava a ilusão da juventude e mesmo de muitos idosos do fim do Império: a supressão dos exércitos permanentes, o caminho para os Estados Unidos da Europa. Não rejeita totalmente esse texto muito inflamado, até mesmo extremista. Pode-se supor que, profundamente anti-militarista, ele não partiria para a guerra de 1870 se tivesse de ir³³. O seu engajamento na pedagogia é muito mais amplo do que deixa supor essa disciplina. É um engajamento ideológico fundado na certeza que, instruindo as crianças, elas tornar-se-ão cidadãos que votarão pela República, e que esse sistema político rejeitará a guerra, porque trará a liberdade. Termina sua alocação por um arreatamento bíblico: “Semeando a liberdade, colheremos a paz”. De fato, sua estada na Suíça republicana, seus encontros com homens como Edgar Quinet, mas também James Guillaume serão determinantes para a evolução de seu pensamento espiritual, intelectual e político.

A guerra franco-prussiana e a queda do Império vão mudar sua vida.

Da guerra, Ferdinand Buisson verá em seguida “os benefícios³⁴”, pois ela permitiu a instauração da República. Esse artigo, desconhecido, foi escrito no *La République des Travailleurs*, jornal efêmero (em que os seis

³³ Como “chefe de família” não foi convocado

³⁴ Título de um artigo de Ferdinand Buisson de 10 janeiro de 1871 na *La République des Travailleurs*: « Les bienfaits de la Guerre »

primeiros números aparecem de 10 de janeiro a 4 de fevereiro de 1871), órgão da Associação Internacional dos Trabalhadores (seção de Bagtinnolles e Termes). O comitê de redação do jornal reúne, entre outros, os nomes de Ferdinand Buisson, Benoît Malon, Elie Reclus e Elisée Reclus e Aristide Rey. Nota-se que o irmão de Buisson, Benjamin³⁵, mesmo que não citado no comitê de redação, também redige artigos.

A seção de Batignolles e Ternes, que existiu desde 1864, foi criada por Benoît Malon e os irmãos Reclus e adesões no mesmo ano. Em 1870, a Associação Internacional dos Trabalhadores (AIT) estava dividida em duas tendências antagônicas: de um lado os marxistas, que representavam a ala autoritária do socialismo, e do outro, os libertários que são anti-autoritários (eles ainda não se chamavam anarquistas). Todos os signatários do comitê de redação do jornal pertencem à ala libertária da Internacional³⁶.

Como Ferdinand Buisson conheceu os meios socialistas anti-autoritários? Como vimos acima, ele assistiu e participou da Liga da Paz e da Liberdade, na Suíça no mês de setembro. Ao mesmo tempo, estavam acontecendo os primeiros congressos da AIT em Genebra (1866), em Lausanne (1867), em Bruxelas (1868) e em Bâle (1869). Ora, a AIT enviou delegações a cada congresso da Paz. Sabemos, por outro lado, que sentimentos de amizade ligavam Elisée Reclus e James Guillaume, Aristide Rey e Elie Reclus, James Guillaume e Ferdinand Buisson. Várias hipóteses são concebíveis quanto à entrada de Buisson no meio libertário. Ou James Guillaume apresentou-lhe a seus amigos políticos, condição favorecida pela ocorrência dos dois congressos na Suíça, ou lhe deu o endereço de contatos antes de sua partida para Paris. Enfim, uma terceira hipótese que exclui a intervenção de James Guillaume: Ferdinand Buisson, residindo no XVII^e arrondissement, encontrou-os naturalmente pois a seção Batignolles da AIT tinha praticamente em suas mãos toda a municipalidade do XVII^e arrondissement, não somente durante a Comuna, mas também durante o cerco. A verdade é que Buisson encontrou afinidades suficientes para participar, com eles, da fundação do jornal *La République des Travailleurs*. Quanto a saber se Ferdinand Buisson foi membro da AIT ou somente um colaborador do jornal, é difícil de responder no momento atual da pesquisa. Dois historiadores pensam que ele pertenceu à AIT: Maurice Domanget, que afirma que ele foi da Internacional e da Comuna; e Jacques Rougerie, que tem a prova que bom número dos signatários do Comitê de redação são (ou foram) membros da seção Batignolles. Quanto a James Guillaume, ele

³⁵ Professor à Strasbourg, foi expulso da Alsácia pela guerra e refugiou-se em Paris.

³⁶ Jean Maitron, *Dictionnaire du mouvement ouvrier français*

escreveu: *Ferdinand Buisson me deu notícias da maioria dos militantes da Internacional, os quais aprendeu a conhecer*³⁷”.

A República é proclamada no dia 4 de setembro. Um “governo de defesa nacional” é criado. Esse encontra-se confrontado com as exigências de conduzir a luta contra a Prússia, estabelecer sua autoridade e legitimidade no país. Não somente a guerra prossegue, mas a perspectiva de um cerco em Paris se projeta.

Em 5 de setembro, dia seguinte ao anúncio da queda do Império e da proclamação da República, Ferdinand Buisson chega em Paris. Homem de convicção, ele o é. Já o havia provado em 1866, recusando-se a prestar juramento ao Império, preferindo o exílio na Suíça, arriscando com isso comprometer uma excelente posição. Jovem republicano “irreconciliável”, não pode transigir com suas idéias e não hesita, uma segunda vez, a tudo deixar: sua esposa e seu cargo de professor da Academia de Neuchâtel, mesmo se explica um pouco mais tarde, que “*não foi sem pena, nem sem pesar*”³⁸. De fato, ele não está mais sozinho no jogo, está casado e sua esposa espera um filho. A decisão que toma, em 4 de setembro, é corajosa no plano familiar e traz uma outra prova de seu engajamento republicano. Ferdinand Buisson necessita de ação, a República não pode se instalar sem ele. Ele encontra-se em uma dessas viradas do destino que decidem todo um futuro e que vão marcar o início de seu engajamento na carreira pedagógica.

É com coragem que chega então em Paris, para a República e para a guerra. A situação militar da França não deixava supor outra coisa senão um cerco de Paris pelos prussianos. Buisson ficará confinado em Paris durante todo o cerco e será impedido de cumprir suas funções de professor na Academia durante todo um semestre. Em Paris, fica na casa de sua mãe³⁹. Engaja-se na Guarda Nacional, como todos os autores que estudaram sua vida, o afirmam? Jamais citam o batalhão ao qual teria pertencido e ele mesmo não fala sobre isso.

Paris foi submetido a um cerco impiedoso por parte dos prussianos. Os sofrimentos impostos à população parisiense foram extremos. A fome, a miséria e os bombardeamentos deixaram um grande número de crianças errantes, em uma grande penúria, abandonadas, órfãos. Buisson, profundamente comovido por essas crianças, vítimas de uma sorte cruel, recolhe algumas. A primeira de suas ações será de remediar concretamente os males da guerra alimentando-as e as abrigando. Ernest Roussel conta “*que um velho habitante do XVIIe arrondissement, morto pouco antes da última guerra, recordava-se de ter visto Buisson voltar do Les Halles*

³⁷ James Guillaume, *l'Internationale, Documents et souvenirs*, tome II, 1905.

³⁸ *L'Emancipation*, órgão do cristianismo liberal para a Suíça romana, nº16 du 16 avril 1871, carta de 10 abril de 1871.

³⁹ No bairro de Batignolles, 49 Grande Rue, no XVIIe arrondissement.

*empurrando, ajudado por algumas crianças, um carrinho de mão, trazendo as provisões do dia de alguns órfãos que pode salvar*⁴⁰”. Ele leva os primeiros órfãos na instituição Duplessis-Mornay, mantida por Jules Gauffrès, na casa sem alunos devido ao cerco, e que pôde servir de refúgio a essas crianças durante o bombardeamento⁴¹. Ao mesmo tempo, participou ativamente das iniciativas políticas e sociais da municipalidade do XVII^e arrondissement. É um dos membros da comissão de assistência, cujo o responsável é Benoît Malon, adjunto do prefeito desde novembro de 1870. Ferdinand Buisson adquiriu a experiência de auxílio aos pobres e aos deserdados, quando estava na capela Taitbout. Tendo em vista o crescente número de crianças abandonadas a serem recolhidas, o leva a dar-lhes uma morada oficial e criar um verdadeiro orfanato. É, sob sua pressão, que a comissão de assistência de Batignolles, presidida pelo prefeito François Favre, decide abrir um asilo para órfãos do cerco (esse orfanato seria destinado a todas crianças ou somente às crianças dos guardas nacionais mortos em combate? Nada permite afirmar no estado atual da pesquisa). Essa comissão o encarrega, em 10 de dezembro de 1870, da direção desse estabelecimento, designado sob o nome de Orfanato Municipal do XVII^e arrondissement⁴². O orfanato situa-se no número 46 da rua Port Sain-Ouem, a nordeste do arrondissement, em uma rua paralela à cidade das Flores, perto da linha da estrada de ferro, que serve Versailles. Esse bairro abrigará as primeiras linhas de combate durante o cerco e a Comuna.

Esse orfanato nasceu de uma dupla iniciativa, pública e privada. É uma situação bem excepcional, na medida em que os poderes públicos e a caridade privada repartiram as crianças segundo as categorias de origem: os poderes públicos encarregavam-se das crianças encontradas e a caridade privada acolhia os órfãos pobres de nascimento legítimo. A Assistência Pública, assim chamada desde de 1849, controlava as iniciativas privadas, e, antes da abertura, todo estabelecimento devia obter uma autorização e aceitar as visitas de seus inspetores. Salvo rara exceção, os órfãos recolhidos pela caridade privada já haviam saído da primeira infância⁴³. O estado atual das fontes não permite saber se Ferdinand Buisson recolheu todas as crianças, ou somente aquelas que tinham pelo menos cinco ou seis anos.

Essa dupla tutela encontra-se no financiamento do orfanato. A municipalidade encarrega-se de uma parte das despesas⁴⁴, a outra parte

⁴⁰ Ernest Roussel, *La vie et l'œuvre de Ferdinand Buisson*, Montpellier, 1931.

⁴¹ *Mémoire pour les héritiers de M. Joseph-Gabriel Prévost contre le département de la Seine*, Paris, 1876. É nessa memória que Ferdinand Buisson relata toda a história da criação do orfanato no XVII^e arrondissement de Paris e de sua continuidade em Cempuis.

⁴² *Journal La République des Travailleurs* : « Un orphelinat républicain », n°2 du 15-22 janvier 1871.

⁴³ Danièle Laplaige, « La naissance de l'orphelinat », in *L'Information historique*, n°48, 1986.

⁴⁴ A proporção não é dada.

provém de subscrições individuais. Diferentemente dos estabelecimentos privados, todos pagos (mesmo que através de uma soma simbólica), não parece que no orfanato de Batignolles fosse exigido um pagamento. A surpresa vem da espera e “*esforços de ajuda da Internacional*”⁴⁵, pois Ferdinand Buisson, aceita que esse orfanato receba subsídios da Internacional. Corre o risco de vê-lo marcado pelo cunho dessa organização. Deve-se ver com isso a prova de pertencer a esse movimento?

Quais foram os meios de subsistência de Ferdinand Buisson durante os primeiros meses do cerco? Depois que rompeu seu contrato com a Academia de Neuchâtel, ele não tinha mais rendimentos. De setembro a dezembro de 1870, teria vivido com o soldo da guarda nacional, 1,50 franco por dia, se tinha direito ou talvez tenha recorrido às economias pessoais. Mas não se pode esquecer que ele deve também prover as despesas de sua esposa que ficou em Neuchâtel. A força de seu engajamento político e social pode ser medido quando concorda ficar sem nenhum vencimento, apesar de sua situação financeira precária, contentando-se com uma casa e alimentos⁴⁶, a fim de assegurar a direção do orfanato de Batignolles.

Sob sua influência, o nome do orfanato de Batignolles vai transformar-se. De orfanato municipal, a partir de 10 de dezembro de 1871, transforma-se em *Maison d'éducation pour les orphelins de la République*, em 15 de janeiro de 1872. Longe de ser anódica, essa modificação do título exprime a amplitude do projeto de Ferdinand Buisson para com os órfãos. Esse orfanato não será somente uma obra de caridade, humanitária, que a situação dramática do cerco impôs, mas sobretudo um estabelecimento educativo onde os órfãos receberão “*uma educação completa*”. Por outro lado, essa “*obra declarada patriótica*” tornar-se-á também “*a primeira casa de educação laica aberta aos órfãos de Paris*”⁴⁷. Desde o mês de dezembro de 1870, ele colocará em ação uma pedagogia nova que tem duas origens: uma origem libertária e uma origem republicana.

O projeto é de dar às crianças de seu estabelecimento “*uma educação democrática, sincera e integral*”. A expressão “*educação integral*” forjada por Paul Robin, não é neutra (militante da Internacional (seção de Bruxelas), é também amigo pessoal de James Guillaume e Aristide Rey). Foi por ocasião do terceiro congresso da AIT, em Bruxelas em 1868, que as questões de instrução e de educação foram particularmente abordadas. A exposição de Paul Robin distinguiu-se fundamentalmente das demais exposições elaboradas para a ocasião. Ele detalhou um programa preciso de ensino integral e mesmo de educação integral. Também, o relatório final do

⁴⁵ Journal *La République des Travailleurs* : « Un orphelinat républicain », n°2 du 15-22 janvier 1871.

⁴⁶ *Mémoire pour les héritiers de M. Joseph-Gabriel Prévost contre le département de la Seine*, Paris, 1876.

⁴⁷ *Ibidem*

congresso está bem marcado pelas suas idéias. Como Ferdinand Buisson toma conhecimento desse relatório? Na nota encontrada no caso Robin, escreveu: “*Li com interesse uma nota de Robin sobre a educação integral na Filosofia Positiva em 1869*”. Buisson adere, sem ressalvas, a essas novas concepções pedagógicas e quer colocá-las em prática (assinala-se que nomeará Paul Robin como diretor do orfanato de Cempuis, em 1880).

Dois princípios fundamentais da educação integral, segundo Paul Robin, farão parte do programa de Ferdinand Buisson: a co-educação e a formação profissional. Seu orfanato recebe crianças dos dois sexos seja qual fora idade. Não somente isso é revolucionário, mas proibido na época. A co-educação dos sexos só era autorizada dois casos⁴⁸. Buisson ficará sempre muito ligado a esse princípio da co-educação. O plano de ensino concebido por Paul Robin leva em conta um duplo ponto de vista. O da criança como indivíduo, que deve excitar e satisfazer “*o apetite moral, a curiosidade*” e que deve fazer “*adquirir os conhecimentos úteis, o mais rápido e da melhor maneira possível*”, mas também o futuro produtor que deverá desempenhar uma função na sociedade. Ferdinand Buisson afirma que “*a República não pode abandonar essas crianças adotivas antes de lhes ter dado condições de corresponder com honra a profissão que convém melhor as suas aptidões*⁴⁹”. Quanto a saber, se Buisson efetivamente colocou em prática as idéias de Paul Robin, o estado atual da pesquisa não permite dizê-lo. Afirmitivamente, ele teria sido o primeiro a aplicar métodos revolucionários em pedagogia. Os militantes da AIT, que teriam um grande papel político e social durante a Comuna, propagandearão as idéias de Paul Robin através da Sociedade da Educação Nova. Essa sociedade reunia-se duas vezes por semana, todos os domingos e quintas, às três horas, na escola Turgot⁵⁰. Os militantes discutiam o ensino integral, ou como “*cultivar, ao mesmo tempo, no mesmo indivíduo o espírito que concebe e a mão que executa*”. Ocupavam-se também da reforma dos programas a fim de desenvolver o estudo das ciências e favorecer o emprego do método experimental que parte da observação dos fatos, seja qual fora natureza.

Até então, os orfanatos foram obras de assistência, resultado da caridade cristã. O objetivo de Ferdinand Buisson era sobretudo de não inscrever seu orfanato no âmbito da religião. Desejava, ao contrário, criar um estabelecimento inteiramente laico: direção, administração e professores. Todo o pessoal seria inteiramente laico. Ferdinand Buisson havia adquirido através de Edgar Quinet, na Suíça, a convicção de que só a

⁴⁸ 1- para as crianças de 2 a 7 anos nas escolas maternais (salles d'asile) : article 1 du décret du 21 mars 1855.

2- nas comunas com menos de 500 habitantes ///////////////en vertu de l'article 15 de la loi de 1850.

⁴⁹ *La République des Travailleurs*, n°5 du 3 février 1871.

⁵⁰ Encarte “publicitário”, encontrado em todos os números do jornal.

escola laica permitirá a criação de uma República moderna, constituindo-se a pedra angular. Esse país era, nessa época, um verdadeiro laboratório da república, e Buisson “*instalou-se bem mais como estudante do que como professor*”⁵¹. Rapidamente, vai ser conhecido pelas posições radicais tomadas. Em 5 de dezembro de 1868, na conferência *Uma reforma urgente na instrução primária*, coloca em questão o ensino de história sagrada na escola primária, que suscita um grande debate. Até o momento em que se torna diretor de seu orfanato, somente seus talentos de publicista e de orador tinham sido reconhecidos. Agora, não se trata mais de discurso, de propaganda, de persuasão: na modesta escala de seu orfanato, ele põe em prática suas convicções laicas. O orfanato de Batignolles será o primeiro orfanato laico de certa importância criado em Paris. Desde o início do cerco, o orfanato não cessou de acolher novos pensionistas, passando de três crianças no momento do cerco, a 60 durante a Comuna, e 80 em junho de 1871⁵². Outras experiências de laicidade foram criadas pelos republicanos convictos. Podemos citar a sociedade de instrução livre e laica, fundada em Lyon em 1869, que abre escolas onde o catecismo não será ensinado. Mesmo em Paris, em 14 de outubro de 1870, o prefeito do XI^o arrondissement, Mottu, decreta a laicização das escolas sob sua jurisdição. Será seguido nessa iniciativa, em 15 de janeiro, pelo prefeito do III^o arrondissement. Mas são escolas e não orfanatos. A ajuda aos mais despossuídos dos despossuídos, os órfãos, está intrinsecamente ligada à Igreja há de séculos. Ferdinand Buisson, instalando a laicidade em um orfanato, ataca o coração da Igreja.

As atividades de Buisson, durante esse ano primordial para seu futuro, não se limitaram só ao orfanato. Participa igualmente dos acontecimentos políticos maiores. Em 21 de janeiro de 1871, desde o anúncio da assinatura do armistício, uma revolta popular associada à Guarda Nacional ocorre. O bairro de Batignolles vê chegar de 200 a 300 Guardas Nacionais da 101^a companhia em marcha, precedidos de um tambor dos guardas da companhia 207 de Batignolles, que desencadeiam o conflito. ELE está presente na manifestação de 22 de janeiro, Nas filas de um batalhão de Batignolles com Varlin e Malon⁵³ (episódio corroborado por Emile Glay⁵⁴). Pode-se medir o valor de seu patriotismo pelo seu engajamento físico em uma manifestação que não aceitava que um “governo de defesa nacional” pudesse livrar Paris aos alemães. Após o fracasso dessa iniciativa, Buisson vai dispensar toda sua energia no seu orfanato.

⁵¹ Ferdinand Buisson, *Souvenirs (1866-1916)*, Fischbacher, 1916.

⁵² *Mémoire pour les héritiers de M. Joseph-Gabriel Prévost contre le département de la Seine*, Paris, 1876.

⁵³ James Guillaume, *L'Internationale, documents et souvenirs*, tome II, 1905.

⁵⁴ Emile Glay, Alexis Léaud, *L'école primaire en France*, Paris, tome 2, 1934.

Na segunda metade de fevereiro, Ferdinand Buisson realiza uma viagem de três dias a Neuchâtel e retorna em meados de março, para regularizar seus negócios e trazer sua esposa e filho para Paris⁵⁵. Nessa viagem, é obrigado a ficar mais tempo que o previsto, devido a revolução de 18 de março que fechou as portas de Paris. Pede para Quinet um passe livre a fim de poder retornar a sua cidade⁵⁶. De fato, Buisson está muito inquieto com o futuro de seu orfanato. Está persuadido que essa súbita revolução só durará alguns dias e “*que as loucuras furiosas de uns será sucedida pela vingança fria e longa dos outros, que não cessarão de suprir os estabelecimentos de educação livres e laicos*”⁵⁷. Deve “retornar a seu posto e lutar tanto tempo quanto a luta durar”. Mesmo que tenha avaliado mal a duração dessa revolução (a Comuna não durou alguns dias, mas setenta e dois), a análise de Buisson prova sua perspicácia política. A data exata de seu retorno não é conhecida, mas assiste ao fim da Comuna. O que aconteceu com seu orfanato, dirigido por sua mãe e seu irmão, durante sua ausência? “*A direção do orfanato foi confiada ao marxista Auguste Serrailier e sua esposa, que ganhariam 200 francos por mês, mais moradia, aquecimento e luz. Finalmente, o estabelecimento passa às mãos de Ferdinand Buisson*”. Esse episódio, somente revelado por Maurice Dommagent⁵⁸, levanta várias questões. A tentativa de mudança de direção fez-se durante sua ausência ou no seu retorno? A direção do orfanato de Batignolles era uma competição entre socialistas autoritários e socialistas libertários? Esse episódio político deixa transparecer, a energia e a determinação de Buisson que teve que combater em vários planos: pessoal, pedagógico e ideológico. Pessoal, para não deixar que se apoderem de sua obra, o que se compreende facilmente. Pedagógico e ideológico, pois Auguste Serrailier é um marxista, o que vai ao encontro das convicções profundamente anti-autoritárias de Ferdinand Buisson, como o demonstrou adotando a pedagogia de Paul Robin.

Buisson será severo no encontro da direita de Versailles que também será severo consigo. Ele vai provar sua ligação com os partidários da Comuna de Paris salvando a vida de seu amigo Malon. Esse depois de ter organizado a defesa de Batignolles, em 22 de maio, teve que se proteger da terrível repressão surgida. Buisson o esconde em uma capela protestante, depois o conduz à casa do pastor Edmond de Pressensé. Em julho de 1871, solicitam que faça a listagem das crianças dos partidários da Comuna e sua ação durante a Comuna não será esquecida, pois em março de 1872, um juiz

⁵⁵ James Guillaume, *L'Internationale, documents et souvenirs*, tome II, 1905.

⁵⁶ Patrick Cabanel, *Protestantisme, République et Laïcité*, p.300.

⁵⁷ *L'Emancipation*, organe du christianisme libéral pour la Suisse romande, n°16 du 16 avril 1871, lettre du 10 avril 1871.

⁵⁸ Maurice Dommagent, *L'enseignement, l'enfance et la culture sous la Commune*, Paris, 1964, p.73.

de paz virá interrogar as crianças que ele tinha recolhido em Batignolles: fez elogios à Comuna, as fez cantar cantos republicanos, as meninas fizeram exercícios militares⁵⁹?

Após “o restabelecimento da ordem”, a nova municipalidade do XVII^e arrondissement continua, mas a título provisório, subvencionando do orfanato e decide que ele fará parte de todos os estabelecimentos do cerco que deverão ser suprimidos a partir de 15 de julho de 1871. Ferdinand Buisson, só tem um desejo ardente, o de não ver morrer a obra começada. Quer, não somente transformar o orfanato provisório de Batignolles em um estabelecimento permanente, mas também torná-lo acessível às crianças dos diversos arrondissements de Paris. Esse projeto não era recente, pois já em abril de 1871 escrevia: “*Mas, quanto tempo e que prodígios de atividade são precisos antes que uma capital como Paris possa oferecer, por exemplo, um Belmont aos seus orfãos*”⁶⁰. O orfanato de Belmont foi instituído por decisão da Direção da Casa de Órfãos de Neuchâtel em 7 de março de 1867, tinha por objetivo preparar os órfãos admitidos nos trabalhos de agricultura e nas profissões manuais, dando-lhes também uma instrução primária suficiente. Ferdinand Buisson fixa como objetivo dar um Belmonte a Paris. Para isso, está pronto uma vez mais a renunciar “*aos postos que seus títulos universitários lhe dão direito de reclamar para cuidar inteiramente das crianças do povo*”.

Buisson, com os outros membros da antiga comissão municipal, especialmente Jules Gauffrès, tem dois meses e meio para salvar seu estabelecimento. Para isso, recorrerá a todas suas relações. Em um primeiro momento, mais de dois terços das 80 crianças são devolvidas às suas famílias ou a seus protetores, ou colocadas em aprendizagem. Sobram 16 órfãos, sem nenhum recurso. Buisson preocupava-se em saber em qual estabelecimento poderia colocá-los e com que recursos poderia mantê-los. Ele conhecia de nome o estabelecimento de Gabriel-Joseph Prévost à Cempuis, no Oise (sua família era originária de Thieuloy, uma vila vizinha à Cempuis), informou-se junto a um parente que ali morava, se Prévost continuava na direção do estabelecimento e se ele podia receber pensionistas.

Gabriel-Joseph Prévost é um filantropo, antigo Saint Simonien, depois espírita, mas profundamente laico. Ferdinand Buisson encontra-se com Prévost em sua casa, em Clignacourt, e pergunta se poderia receber, com o menor custo possível, em seu estabelecimento em Cempuis, as crianças do orfanato de Batignolles. Prévost quer ver, antes de mais nada o

⁵⁹ Patrick Cabanel, *Protestantisme, République et Laïcité*, p.301.

⁶⁰ *L'Emancipation*, organe du christianisme libéral pour la Suisse romande, n°16 du 16 avril 1871, lettre du 10 avril 1871.

estabelecimento e se informar sobre Ferdinand Buisson. Quando visita o orfanato, fica “ *muito satisfeito* ”, e sem se comprometer ainda, dá-lhe esperanças. Prévost solicita que lhe envie por escrito, um curriculum vitae e referências. Buisson envia as cartas de recomendação de Quinet: “ *não é ninguém que me inspire maior confiança: fazer o bem é sua vocação* ”; de Perrens: “ *se prefere consagrar-se à infância, é devido a uma certa vocação, de devotamento que o honra* ”; de Gauffrès: “ *M. Buisson foi durante algum tempo professor no meu estabelecimento de instrução secundária, a instituição protestante Duplessis-Mornay, fundada há 25 anos em Batignolles* ”; bem como, as de Desor, Borel e James Guillaume de Neuchâtel.

Prévost não deseja que seu estabelecimento caia nas mãos de numerosos sobrinhos, que não compartilham suas idéias filantrópicas. Juntos, Buisson e Prévost vão criar um novo orfanato, nascido da fusão do Batignolles e do de Cempuis. Graças a Edgar Quinet, as transações vão concretizar-se pela adesão, em junho de personalidades (elas serão ao todo quarenta) que gozam de estima pública como Carnot, Henri Martin Schoelcher, Edmond Adam, Vacherot, assim como outros membros da Assembléia Nacional. Os amigos do orfanato de Batignolles constituíram-se em 10 de julho, em Comitê de patronato dos órfãos de Paris e Ferdinand Buisson elabora um projeto dos estatutos. Pouco competente em matéria jurídica, coloca à disposição de Prévost três juristas: Versigny (membro da Comissão do Conselho de Estado), Desmarests (chefe da Ordem dos Advogados) e Clamagerant (advogado), todos os três membros do Comitê de patronato. Eles propõem três possibilidades à Prévost: reconhecimento de utilidade pública para o novo estabelecimento nascido da fusão entre o orfanato de Cempuis e o de Batignolles, doação em favor da cidade de Paris, ou um legado em favor de uma sociedade de assistência já reconhecida.

Em 17 de julho, Prévost recebe o primeiro semestre da pensão das 16 crianças, graças a uma doação da cidade de Paris, e os conduz à Cempuis. Prévost só aceita encarregar-se dos órfãos se pagassem para cada um deles de 2 à 300 francos, e à condição de que Ferdinand Buisson os acompanhe, que se torne sub-diretor, e isso tudo com uma baixa remuneração. Buisson concorda e fixa ele mesmo a soma de 1200 Francos por um ano.

No início de agosto, a mãe de Buisson chega à Cempuis. Ela vai desempenhar um importante papel nos dois primeiros anos do orfanato. Um antigo aluno conta: “ *Durante dois anos, Madame Buisson viveu no meio dos órfãos, prodigiando-lhes sem cessar cuidados, conselhos, mostrando-se como uma verdadeira mãe, em toda a acepção do termo. Todas as crianças*

que a conheceram conservaram dela a mais cara lembrança⁶¹". É ela que vai encarregar-se do cotidiano do orfanato, de meados de julho de 1871 até a chegada em novembro, de um professor primário.

Prévost vai escrever três testamentos em favor do Departamento do Sena, em 20 de agosto, em 3 de outubro de 1871 e em 25 de março de 1873, pelos quais dá toda a sua fortuna ao departamento do Sena, que se compromete manter e desenvolver o orfanato de Cempuis, à condição de mantê-lo em mãos laicas. Designa Ferdinand Buisson como seu executor testamentário em outubro de 1871. Em 2 de dezembro de 1871, a Sociedade de Orfanatos do Sena termina definitivamente seus estatutos e pede para que seja reconhecida de utilidade pública. Mas os tempos não são fáceis, como deixa compreender um dos fundadores, Gustave-Adolphe Salicis, em 8 de agosto de 1873: "*pelos tempos que correm, é difícil crer que isso acontecerá breve*". Quando Gabriel-Joseph Prévost morre, em 29 de abril de 1875, seus herdeiros instauram um processo contra o Departamento do Sena e contra Ferdinand Buisson. Em 1880, após cinco anos de processo, o Departamento do Sena adquire posse definitiva de seu legado.

Ao mesmo tempo que efetua suas providências jurídicas, Ferdinand Buisson procura um professor para Cempuis. Está persuadido que um bom professor primário bastaria, tanto como professor como sub-diretor, evitando assim despesas inúteis. Parece que ainda pensa em James Guillaume, pois faz contactos na Suíça em setembro de 1871. Após o encontro com o reitor Nancy Maggiolo, para descobrir um professor alsaciano ou loreno, contrata um antigo professor da Lorena, Saunier, nomeado em 3 de novembro de 1871, que vai permanecer em Cempuis até 1880. A vontade que Ferdinand Buisson tem de contratar um professor alsaciano ou loreno provem de seu patriotismo. Desde o Tratado de Frankfurt, a Alsácia e uma parte da Lorena são alemãs. Buisson pensa nos professores franceses que recusaram ficar em uma província que se tornou alemã.

Quanto ao seu próprio futuro profissional, Ferdinand Buisson espera de Jules Simon um cargo no ensino. Mas não qualquer um. Quer "*a direção de uma escola normal na província, mesmo sendo no fim do mundo*"⁶²", mas sobretudo não um posto de filósofo no liceu. É intransigente nesse ponto. É o primário que o interessa. As crianças privilegiadas da burguesia não necessitam absolutamente dele. Seu papel, ele o sabe, é a formação das crianças do povo para torná-las futuros republicanos. É, em dezembro de 1871, que obtém um cargo de inspetor de ensino primário em Paris. De julho a outubro, viveu com o salário de sub-diretor do orfanato de Cempuis,

⁶¹ Gabriel Giroud, *Cempuis, éducatin intégrale, coéducation des sexes*, Paris, 1900, p.XIV note 1.

⁶² Patrick Cabanel, *Protestantisme, République et Laïcité*, p. 303

100 francos por mês. Até então morava na rua Cité des Fleurs, número 61, no bairro de Epinettes (XVII arrondissement)⁶³. Em fim de setembro, Ferdinand Buisson leva sua esposa e seu filho para Paris, onde passam a residir no boulevard Saint Germain, número 70 (VI^e arrondissement).

A proclamação da República faz com que Buisson volte à França. Deve sua contribuição à República nascente no campo da educação e da laicidade. Durante esse ano difícil, rico em acontecimentos políticos, a personalidade de Ferdinand Buisson revelou-se em toda amplitude de seus engajamentos: político, como membro ativo da municipalidade do XVII^e arrondissement durante o cerco e a Comuna; educador libertário, dirigindo um orfanato importante segundo os princípios pedagógicos de Paul Robin; patriótico, participando da insurreição de 22 de janeiro de 1871, em que se juntou fisicamente à revolta popular que recusava a capitulação. Mesmo que tenha tido alguns momentos de desencorajamento compreensíveis diante da dificuldade e da grandeza da tarefa empreendida, sua coragem, seu voluntarismo, sua perseverança e sua pugnacidade foram coroadas de sucesso. Não somente o orfanato de Batignolles perdurou, mas também se transformou em um estabelecimento modelo. Em 1873, na Exposição Universal de Viena, o orfanato de Cempuis obtém um diploma de mérito, na categoria orfanato e obra de assistência⁶⁴. É o único estabelecimento laico francês que foi distinguido.

Durante nove anos, o orfanato terá como diretor o professor primário Saunier, até a chegada de Paul Robin. É por intermédio de James Guillaume que Ferdinand Buisson vai chamar Paul Robin, inicialmente como inspetor do ensino primário, em outubro de 1879⁶⁵, e, mais tarde, nomeando-o diretor do orfanato de Cempuis em 1880. Durante quatorze anos, dará um apoio incontestável a Robin⁶⁶.

Quais são então os apoios e os concursos que Ferdinand Buisson pode dar ao orfanato de Cempuis? Em primeiro lugar, a co-educação dos sexos, a qual está muito apegado. Em 1880, nenhuma lei autorizava a co-educação dos sexos. As leis de 1881 não dizem nada. Ferdinand Buisson, graças ao apoio de Jules Ferry, deu os meios “legais” a Paul Robin, para pôr em prática suas idéias sobre a co-educação dos sexos. É assim que a lei de 30 de outubro de 1886 contém o seguinte artigo (ele foi introduzido, um pouco graças ao sucesso da experiência tentada em Cempuis⁶⁷): “*O ensino é*

⁶³ Archives de Paris cote D1M2/197. Ferdinand Buisson está por qualificação: diretor do orfanato.

⁶⁴ Ferdinand Buisson, *Rapport sur l'instruction primaire de l'Exposition universelle de Vienne en 1873*, Paris, 1875, p.241 et 306-309.

⁶⁵ Ferdinand Buisson admira-o muito: “*Eu tenho um candidato fora de série*”, escreve ao prefeito de Savoie.

⁶⁶ «*Ele nos prometeu mais uma vez seu apoio e seu concurso dados seguidamente*”, in *Les fêtes pédagogiques de l'orphelinat Prévost, sessions normales de pédagogie pratique 1890-1891-1892*, Cempuis, 1893, pp. 427-428.

⁶⁷ Gabriel Giroud, *Cempuis-éducation intégrale-coéducation des sexes*, Paris, 1900, p. 17.

dado por professores nas escolas femininas, nas escolas maternais, nas escolas ou classes infantis, nas escolas mistas. Nas escolas masculinas, as mulheres podem ser admitidas a ensinar a título de adjuntas, à condição de serem esposa, irmã ou parente em linha reta do Diretor da escola. Entretanto, o conselho departamental pode, provisoriamente e por uma decisão sempre revogável: 1°. Permitir a um professor dirigir uma escola mista, à condição de que haja uma mestra de trabalhos de costura; 2°. autorizar derrogações às restrições do segundo parágrafo do presente artigo⁶⁸”.

As sessões pedagógicas, organizadas em Cempuis durante uma semana, em agosto de 1890, são objeto de “publicidade” no Boletim Oficial do Ministério, com o apoio de Ferdinand Buisson. Talvez, esperasse que os professores e as professoras primárias se deslocassem afim de compartilhar novas experiências e trocar idéias com os promotores da pedagogia moderna? Sem apoio da Administração e da Comissão administrativa do Sena⁶⁹, jamais tal experiência teria surgido na França nos anos 1880 e, além disso, em uma região clerical e reacionária.

Esse apoio é total, desde setembro de 1883, quando Paul Robin foi acusado pelos empregados do orfanato de ter divulgado no estabelecimento um escrito julgado por eles mesmos “obsceno”. Trata-se, de fato, de um pequeno opúsculo de inspiração neo-malthusiana. Robin julgando-se vítima de uma armação, envia sua demissão à Comissão administrativa como prova de sua boa fé. Aristide Rey⁷⁰, “o acoberta com sua honorabilidade pessoal tanto quanto possível” e se lança em um verdadeiro trabalho de inquisidor para confundir as testemunhas que acusam Robin⁷¹. Suspenso, é reintegrado em 10 de janeiro de 1884.

Quanto mais se destacava o orfanato e suas práticas eram conhecidas⁷², tanto mais sua existência tornava-se inaceitável aos olhos dos clérigos e de todos os defensores de uma pedagogia “autoritária”. Os ataques virão ao mesmo tempo, não somente do exterior, mas mais surpreendente também do interior do estabelecimento. Eles começam em outubro de 1892, no jornal de Edouard Drumont, *La Libre parole*. Redobram em 1894, após o assassinato do presidente da República Sadi Carnot pelo anarquista Caserio. Paul Robin é demitido em 31 de agosto de

⁶⁸ Tit. I, ch. 1, art. 6.

⁶⁹ Ferdinand Buisson pertence aos dois.

⁷⁰ Aristide Rey faz parte da Commission administrative de Seine.

⁷¹ Christiane Demeulenaere-Douyère, *Paul Robin*, p. 261.

⁷² Ia-se a Cempuis “como outrora se ia ver Pestalozzi à Yverdon”, dirá Benjamin Buisson no seu relatório da *Exposition internationale de 1889*, p. 406. Desde 1890, as conferências pedagógicas, durando uma semana, eram organizadas no verão. O conceito de educação integral está se impondo e se internacionaliza. O orfanato participa de numerosas exposições (pode-se ver ali a intervenção de Ferdinand Buisson)

1894, depois de relatórios desfavoráveis de Jacoulet⁷³, Suzanne Brès⁷⁴ e Pissart⁷⁵. No dia seguinte, Ferdinand Buisson apresenta sua demissão devido a “inegalidade” dessa destituição⁷⁶. O ministro da Instrução convence-o a permanecer no cargo. Mas os ataques aumentam contra Cempuis, chamando de “Pocilga”. Ferdinand Buisson pede mais uma vez sua demissão, em 23 de outubro, a qual será novamente recusada.

Ferdinand Buisson abandonou Paul Robin? Se a questão é simples, a resposta é complexa. Não se deve jamais perder de vista o contexto político. Uma coisa é certa, fez tudo o que estava ao seu alcance, e apresentou sua demissão no dia seguinte à exoneração ilegal de Paul Robin. Esse último não é desligado das instâncias políticas. O Conselho Geral, protesta contra a destituição de Robin, que deverá comparecer diante de um conselho departamental, e solicita dossiers e relatórios. Solicitação recusada, também o Conselho geral ordena uma investigação pública, e para demonstrar que se desolidariza com a decisão do prefeito, decide atribuir uma remuneração anual de 4000 francos à Robin. Em 10 de novembro de 1894, o deputado socialista Aimé Lavy, antigo professor primário, interpela a Câmara e pede explicações sobre os verdadeiros motivos da destituição de Robin. Georges Leygue reafirma a validade das acusações e a Câmara por uma maioria esmagadora a aprova.

Em contrapartida, o silêncio dos anarquistas é ensurdecedor: James Guillaume, seu amigo, que tanto se inspirou nos escritos de Robin para redigir suas “Idéias sobre a organização social”, em 1876; Elisée Reclus, que se interessou tanto pela educação; Louis Michel, pronto a defender as injustiças. Por que eles não defenderam Paul Robin? Segundo Nathalie Brémont, alguns libertários optaram pela propaganda durante todo esse período, não se interessando pela educação, ou então, para outros, pelas suas idéias neo-malthusianas, Robin tornou-se quase um inimigo⁷⁷.

Cempuis foi até o fim da vida de Ferdinand Buisson sua grande obra e no seu funeral, em 19 de fevereiro de 1932, foi a orquestra do orfanato que tocou

⁷³ Inspetor geral da instrução primária.

⁷⁴ Inspetora geral das escolas maternas

⁷⁵ Representante do Ministério do Interior.

⁷⁶ Nos arquivos privados de M. Hesse, uma carta manuscrita, de sete páginas, de Ferdinand Buisson, dirigida ao ministro da instrução pública, datada de 23 de outubro de 1894, pela a qual envia sua demissão.

⁷⁷ Nathalie Brémont, *Cempuis, une expérience d'éducation libertaire à l'époque de Jules Ferry*, Editions du Monde Libertaire, 1989, p. 107.

Martine Brunet é Professora efetiva de História. DEA em História.
Bibliotecária em Jausn de Saily.

Endereço: 49 Ter. avenue de Flandre 74019 Paris/França

E-mail: martinebrunet@noos.fr

Maria Helena Camara Bastos é Professora do Programa de Pós-Graduação
em Educação/PUCRS e Pesquisadora do CNPQ.